

**EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS E PRÁTICAS PROFISSIONAIS:
TRILHAS E CAMINHADAS NA FORMAÇÃO PARA A
EDUCAÇÃO MUSEAL**

**EDUCATIONAL EXPERIENCES AND PROFESSIONAL
PRACTICES: TRAILS AND WALKS IN TRAINING FOR MUSEUM
EDUCATION**

Bianca Reis^{1*}
Gabriela Nascimento Santos Silva²
Ozias de Jesus Soares³
Hilda da Silva Gomes⁴

¹Pedagoga, Mestre em Educação, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. *Autor para correspondência: bianca.reis@fiocruz.br.

²Pedagoga, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. gabriela.silva@fiocruz.br.

³Pesquisador em Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ozias.soares@fiocruz.br .

⁴Bióloga, Mestre em Educação, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. hilda.gomes@fiocruz.br .

<https://doi.org/10.33871/26747170.2024.6.1.8873>

RESUMO: O artigo apresenta uma análise referente às experiências educativas e práticas profissionais de mediadores em uma instituição museológica. Trata-se do resultado de um estudo qualitativo em que os dados foram produzidos a partir de questionário aplicado entre educadores com diferentes vínculos profissionais com o Museu da Vida Fiocruz (MVF). A pesquisa intencionou conhecer aspectos como o perfil, formação e experiências a partir do cotidiano da mediação. A indagação central da investigação buscou saber em que medida as experiências profissionais em espaços educativos, antes de ingressarem no MVF, teriam garantido a inserção desses educadores em processos de formação sistemática para a atuação na educação museal. O texto dialoga com a literatura ao tratar das práticas educativas de formação no contexto museal, apontando diferentes estratégias e iniciativas nesse campo. Apresenta o contexto institucional do Museu da Vida para focar nas correlações possíveis entre formação, percursos biográficos e atuação na educação museal. Embora diante de contornos singulares, a investigação carrega o mérito de, ao olhar uma realidade particular, constituir-se em uma plataforma para pensar outras experiências e o próprio campo da educação museal no Brasil.

Palavras chaves: Museus, Educação museal, Práticas educativas, Formação para a mediação.

TITULO DO MANUSCRITO EM INGLÊS

ABSTRACT: The purpose of this text is to present an analysis of the educational experiences and professional practices of mediators at a museum institution. It presents the result of a qualitative study in which data were produced from a questionnaire applied to the Museum educators at the Museum of Life Fiocruz (MVF). The research sought to know aspects such as the profile, training and experiences from the daily life of mediation in the MVF. The central question of the investigation sought to know to what extent professional experiences in educational Spaces, before joining the MVF, would have guaranteed the inclusion of these educators in training processes to work in museum education. The article dialogues with the literature when dealing with the educational practices of formation in the museum context, pointing out different strategies and initiatives in this field. It presents the institutional context of the Museum of Life in order to focus on the possible correlations between training, biographical paths and action in mediation. Although it is a unique experience, the investigation carries the merit of, when looking at a particular reality, constituting a platform to think about other experiences and the field of museum education in Brazil.

Keywords: Museums, Museum education, Educational practices, Museum mediation training.

INTRODUÇÃO

Os estudos e investigações em educação museal vêm sendo acrescidos com base em diferentes olhares que contribuem para uma compreensão mais densa de suas variadas dimensões. Este texto materializa o esforço em analisar um cenário educativo museal particular e algumas de suas expressões. A iniciativa aponta para eventos ocorridos em um museu de ciências e saúde na cidade do Rio de Janeiro – o Museu da Vida Fiocruz (MVF) – e, nele, a interlocução com um conjunto de profissionais que se dedicam à mediação com os variados públicos em contexto de visitação. Interessa-nos, assim, voltar nossa atenção para os trabalhadores e trabalhadoras em educação museal com base em uma realidade singular.

Numerosos estudos cuidaram de explicitar que a força de trabalho na educação museal se mostra inerentemente plural, seja em sua dimensão de vínculos profissionais, formação, idade, ou quanto a estratégias educativas de que lançam mão. Isso considerado, são abundantes as bifurcações possíveis ao debruçar-se sobre o estudo da educação e seus atores no contexto museal. Admite-se, nesse sentido, não ser razoável em um único texto abarcar um generoso conjunto de debates, sob pena de torná-lo exaustivo e de leitura pouco agradável. Por outro lado, felizmente, esforços nessa direção vêm sendo realizados no intuito de se criarem repositórios que congreguem a produção do conhecimento em educação museal. Advertimos o leitor de que este artigo trata de uma fração desse universo de discussões, em escala local, que, todavia, reverbera uma estrutura muito presente – e a ser debatida – no campo da educação museal.

Nessa perspectiva, uma questão inaugura as ponderações deste artigo: as experiências profissionais em espaços educativos antes de ingressarem no MVF teriam garantido a inserção desses educadores em processos sistemáticos de formação para a atuação em mediação em instituições museais?

Desse modo, o objetivo deste artigo é apresentar correlações possíveis entre o acúmulo de experiências profissionais de educadores museais do Museu da Vida Fiocruz e a participação em ações de formação para uma atuação mais qualificada.

O texto encontra-se estruturado em diferentes seções, a começar por esta introdução, que apresenta a gênese e o palco no qual a pesquisa se desenvolve. Em seguida, a revisão de literatura esboça ao leitor aspectos conceituais sobre formação humana e práticas educativas no contexto museal brasileiro. Ainda na revisão detalha alguns aspectos sobre estratégias de formação de mediadores no campo museal. Na terceira seção apresenta o quadro metodológico do estudo. Na seguinte, destaca os resultados e discussão do campo empírico, tecendo considerações sobre o trabalho educativo no Museu da Vida Fiocruz. É nessa última que se apresenta ao leitor, em diálogo com a literatura, os resultados da recente investigação com mediadores na instituição, consolidando algumas discussões sobre a relação entre experiências educativas e profissionais e a formação para atuação na educação museal.

O artigo tomará de modo intercambiável os termos “educadores” e “mediadores”. Embora reconhecendo que o trabalho do educador ultrapasse as fronteiras da atuação com os públicos, o foco desta análise repousa fundamentalmente sobre a dimensão da mediação. De modo semelhante, o leitor verá que os termos

“mediação” e “educação museal” emergem no texto como referentes à mesma esfera de ação. Advertimos, entretanto, que a mediação, tomada como uma dimensão mais imediata e evidente, não deve encerrar a complexidade e multidimensionalidade própria da educação museal.

A realização do estudo pretendeu dimensionar em que medida a atuação de educadores museais teria sido precedida por ações de formação e quais modalidades e estratégias formativas foram indicadas pelos participantes do estudo. Face a isto, a realização do estudo é parte integrante de um conjunto de investigações que busca compreender interfaces entre a educação em espaços museais e a necessidade imperativa de formação inicial e continuada de quadros qualificados e comprometidos com uma educação de qualidade.

REVISÃO DE LITERATURA

Em tempos atuais é consenso que a construção e difusão de diferentes saberes se dá não apenas na escola ou universidade, mas também em outros espaços de natureza educativa, a exemplo dos museus. A literatura e as dinâmicas em sociedade vêm atestando a importância da formação que se dá além dos espaços ditos clássicos ou tradicionais de educação. A escola e a universidade, consideradas espaços socialmente reconhecidos de construção e disseminação de saberes, passam a dividir responsabilidades com outros espaços-tempos de educação. Uma primeira nota, dentro desse debate, é a admissão do museu como espaço fundamental para a articulação dos aspectos afetivos, cognitivos, sensoriais e de trocas simbólicas, fundamentais na formação humana. Outro aspecto diz respeito às políticas públicas de cultura acumuladas, em especial, nas duas últimas décadas (Castro & Soares, 2018). Para tomarmos como exemplo, destaca-se o Estatuto de Museus (Lei no 11.904, de 14 de janeiro de 2009) que “coloca o Brasil na vanguarda dos países que criaram marcos regulatórios para o setor e consolida a política para museus no contexto das políticas culturais” (Nascimento Júnior, 2013, p. 11). Outro destaque aponta para um dos fundamentos, histórica e socialmente constituídos, que se refere à função social e educativa dos museus. Essa dupla função abarca aspectos de reconhecida abrangência e importância, orientados por objetivos como a construção da autonomia, a emancipação das pessoas e a valorização da diversidade cultural. Quanto a este último aspecto, forçoso é reconhecer que vivemos em um cenário em que se torna imperativo promover a afirmação de vários segmentos sociais e culturais vistos como “minorias” e que desempenham múltiplas cenografias, ambientes, linguagens e realidades (Gomes & Reis, 2021).

Com efeito, o cumprimento da função social e educativa dos museus passa fundamentalmente por ações de formação de quadros profissionais nesses espaços, o que defendemos neste artigo. Tendo em vista recentes pesquisas sobre experiências formativas no campo da educação museal (Costa *et al.*, 2018; Castro *et al.*, 2020), colocamos em relevo a necessidade de renovar discussões sobre o histórico, o papel e as ações no âmbito da educação museal em nosso contexto. Quanto a isso, concordamos com Castro *et al.*, (2020), que destacam ser a educação museal “fruto do desenvolvimento histórico dos museus, da sociedade e da relação estabelecida entre indivíduos e grupos enquanto sujeitos históricos da formação promovida nos, por e com esses espaços no âmbito dos processos museais” (2020, p. 15). Uma vez que a função educativa é pilar constituinte dos museus, reforçamos que esse aspecto se evidencia quando promovemos a formação específica e continuada de profissionais que atuam nesse campo. Acha-se, assim, consoante com o imperativo previsto na diretriz 1, Eixo II, da Política Nacional de Educação Museal (PNEM): “Promover o profissional de educação museal, incentivando o investimento na formação específica e continuada de profissionais que atuam no campo” (Ibram, 2018, p. 129).

A consolidação da educação museal como campo teórico-prático-político vai se firmando na atualidade com a permanente articulação de educadores museais, potencializando a função social e estimulando a elaboração de planos museológicos que, com base em programas educativos, fortalecem as experiências formativas de seus profissionais e estudantes interessados nesse campo de atuação.

Considerando a panorâmica acima sobre o campo museal, convém sublinhar que o exercício de reflexão sobre as necessidades e desafios existentes na relação entre teoria e prática – e o fazer desse exercício uma ação crítica – explicita a importância da busca por uma formação significativa, participativa e inovadora, tendo a transformação social e uma educação cidadã como horizonte. É nessa direção que destacamos a reflexão, como a capacidade de retomar as nossas construções sociais, intenções e estratégias de intervenção em relação à utilização do conhecimento à medida que vai sendo produzido, para enriquecer e modificar a realidade e suas representações (Júnior Carabetta, 2018).

Nesse sentido, lançar um olhar crítico e reflexivo sobre o contexto museal, e paralelamente sobre a realidade na qual estamos inseridos, torna-se essencial para desvelarmos situações e caminhos que se possam trilhar, objetivando o crescimento pessoal e profissional dos atores envolvidos na educação museal. Em nosso caso, esses sujeitos são profissionais integrantes do MVF, oriundos de diferentes áreas do conhecimento. A pesquisa que emoldura nossas reflexões tem em conta que o arcabouço teórico disponível

deve dialogar com a construção pessoal e cotidiana do conhecimento e ser tão valorizado quanto ela. Isso representa dizer que saberes outros advindos das diversas formas de aprender e apreender, de atuar, de resolver problemas relativos à interação sujeito-sujeito, sujeito-objeto ou sujeito-objeto-sujeito, carecem de estar em sintonia e em complementaridade com o repertório teórico à disposição.

Feitos esses anúncios, concordamos com Macedo (2010), ao citar Bélanger (2004), para quem a formação não é método nem técnica, mas realiza-se na existência do ser social, transformando-a em experiências significativas, em aprender com o outro por meio das diferenças e identificações, na negociação de diferentes atores intencionados e em sua “incompletude infinita”. O autor propõe, ainda, que o saber-fazer, saber-refletir e saber-ser são realidades inseparáveis, constantemente mediados pelos saberes da experiência, intuição, afetos, condições sociocognitivas, culturais e institucionais. Todas essas questões significam ressaltar a importância do sujeito em formação que tem uma identidade social e cultural se construindo.

A conjunção dos elementos teóricos e práticos que orbita o cotidiano da educação museal reforça a relevância desse debate. Em vista disso, os processos de formação de mediadores são fundamentais, se considerarmos que estes ocupam papel central, tendo em tela dois aspectos: primeiro, por estarem em contato direto com o público dos museus, e ligado a este, são eles que representam a instituição na mediação e estabelecem a comunicação, propiciando o diálogo com os visitantes acerca das questões presentes no museu, contribuindo para a construção de novos significados. É conhecido que muitos debates e tensionamentos entre a importância de uma mediação humana ou uma visitação autônoma às exposições habitam o campo museal. Embora não seja objeto de nossa apreciação aqui, vale dizer que há autores que entendem ser a mediação humana importante canal na articulação dos saberes cotidianos e o saber científico, mas que é preciso igualmente oferecer ao visitante a possibilidade de ser capaz de compreender de modo autônomo a exposição (Marandino, 2008A).

Para o que nos interessa neste artigo, defendemos que a formação desse profissional mediador deve ser contínua, produzindo sempre questionamentos relativos à sua ação. Algumas questões ocupam, sob nossa ótica, um lugar primordial nos processos de reflexão da ação educativa museal por parte dos mediadores: qual é a minha função nesse museu? Que tipo de trabalho posso desenvolver em face dos diferentes públicos? A visita foi boa? Por quê? Quais os desafios encontrados? Como conseguir resolver essa dificuldade? Tenho que saber responder a todas as perguntas do público?

Assim como essas questões, outros aspectos contributivos para a formação devem ser incluídos, como o percurso pelo museu, os temas mais relevantes que podem ser discutidos, o tempo de duração da visita. Assim, parte da estratégia de formação deve atentar igualmente para os imprevistos, os elementos-surpresas durante o atendimento, dado que é constituinte do cotidiano com as audiências lidar com essas questões e que demandam inteligência, sistematização dos problemas e, no mais das vezes, improvisação. Marandino (2008A), apoiando-se em Schön (2000), destaca ainda que esse processo implica uma “reflexão-na-ação”, argumentando que essa reflexão permite ao profissional atingir algum nível de conscientização do processo prático, essencial para o aprimoramento de futuras ações.

Nesse movimento de refletir na prática, o mediador experimenta e, ao fazer isso, tem oportunidade de aprimorar continuamente seu fazer. A avaliação contínua junto à equipe é tarefa fundamental, seja por meio de reuniões ou ações de formação da equipe do setor educativo. Esses momentos podem promover a ampliação do olhar crítico, além de auxiliar, por meio da troca de experiências, as diversas possibilidades de qualificar a visita.

Visto de um ângulo adicional, ressaltamos que o campo da formação de mediadores é notadamente plural, admitindo diversas experiências e iniciativas, não havendo, necessariamente, alguma hierarquização entre elas. Marandino (2008B), em levantamento na literatura, identifica cinco principais modelos presentes nos museus que até mesmo podem coexistir em um mesmo espaço. Segundo a autora, há um primeiro modelo centrado nos conteúdos, no qual a boa mediação advém do domínio de um conhecimento específico, o que faz com que a instituição invista em uma formação que valorize os conteúdos. Um segundo modelo, centra-se na prática, na qual a própria ação da mediação constitui um processo formativo. Nesse caso, não há nenhuma formação prévia, dado que é a prática o balizador de sua experiência em mediação. O terceiro modelo, bem próximo ao anterior, trata-se do foco na relação aprendiz-mestre, na qual a formação se dá na observação e acompanhamento de um mediador mais experiente. Um quarto modelo identificado na literatura é aquele centrado na autoformação; ou seja, fica ao encargo do próprio mediador o aprofundamento teórico e a elaboração de estratégias de mediação em seu cotidiano. O quinto modelo trata-se de uma perspectiva centrada na educação e comunicação. Nesse caso, “a instituição formadora entende que o monitor é também um educador/comunicador; logo, enfatiza os aspectos teóricos e práticos da educação em museus, incluindo os da aprendizagem e aqueles da comunicação” (Marandino, 2008B, p. 28).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A análise empreendida neste texto se encontra inserida numa pesquisa de abordagem qualitativa e interpretativa, na qual os dados para análise foram produzidos a partir de questionário aplicado aos educadores com diferentes vínculos com o Museu da Vida Fiocruz. Com esse instrumento de dados, a pesquisa buscou conhecer o perfil, a formação, experiências, formas de planejamento e práticas de avaliação, envolvimento em produção de materiais educativos e uma série de opiniões sobre o cotidiano da mediação nesse espaço.

Este estudo apresenta algumas fronteiras, a saber: (1) tanto os pesquisadores quanto os respondentes são educadores museais (com diversos vínculos) inseridos dentro de uma mesma instituição (MVF) e de um mesmo setor (Serviço de Educação); (2) os dados foram produzidos quando estavam em curso as medidas de distanciamento social como enfrentamento da pandemia de Covid-19; e (3) é balizado pelas especificidades desse espaço, como museu de temática científica, vinculado a uma instituição pública federal. As respostas ao questionário foram recebidas entre os meses de março a maio de 2021. Diante desses contornos, compreendemos que a investigação tem o mérito de, ao olhar uma realidade particular, constituir-se em uma plataforma para pensar outras experiências e o próprio campo da educação museal no Brasil.

Para a produção dos dados a ser analisados, a equipe da pesquisa enviou convite a 129 educadores para responderem ao questionário digital online, utilizando a plataforma *Microsoft Forms*, à disposição na instituição. Ao final do período de produção de dados (março/maio de 2021), conseguimos contabilizar 44 respostas ao questionário. Todos os participantes assinaram um Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE). O conjunto dos respondentes foi composto por vinte e nove bolsistas e estagiários de programas ofertados pelo Museu e quinze profissionais do Serviço de Educação (servidores, terceirizados e outros vínculos) com formação em diversas áreas do conhecimento. Integra esse grupo um número de bolsistas e estagiários egressos de 2018 a 2020.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atuação profissional é atravessada pelas experiências biográficas dos sujeitos. Assim, é sobre a relação da formação para mediação e os percursos profissionais e acadêmicos dos mediadores sujeitos dessa pesquisa que convém apresentar nesta seção. Para adentrarmos nesse debate, convém colocar em relevo algumas linhas versando sobre o espaço no qual ocorre a investigação referida: o Museu da Vida Fiocruz.

A implementação de um museu de ciências na Fiocruz teve como objetivo sistematizar e ampliar as diferentes ações empreendidas na instituição, buscando estruturá-las e organizá-las em torno de um espaço museológico. A democratização do conhecimento científico e a participação mais efetiva da população em aspectos relevantes da interface ciência/sociedade, particularmente na área das ciências da vida e da saúde, é uma meta pretendida desde sua implementação. O MVF foi inaugurado em 1999, colocado como um dos espaços de interlocução da Fundação Oswaldo Cruz com a população brasileira, assumindo características singulares que refletiriam a missão e o compromisso social da instituição. Seus temas centrais são a vida como objeto do conhecimento, saúde como qualidade de vida e a intervenção do homem sobre a vida. Seu trabalho e seu ambiente físico integram ciência, cultura e educação com o objetivo de informar e educar cidadãos críticos que possam autonomamente refletir sobre sua situação de sujeitos ativos da sociedade e de sua história. Mantendo-se como espaço criativo, interativo e lúdico, instiga e provoca seu público visitante propondo-lhe reflexões e debates por meio de exposições temporárias, itinerantes e de longa duração, multimídias, teatro, vídeo e oficinas temáticas. Contribui para a compreensão dos processos e avanços científicos, assim como seu impacto na vida cotidiana (Baeta, 1999).

Diante desses contornos, para articular os esforços referentes a um trabalho interno de fundamentação teórico-conceitual, fez-se necessária a constituição de um setor educativo que pudesse atuar em várias frentes buscando articulação da educação formal (escolas e universidades) com a não formal (museal). Segundo essa iniciativa, diversas ações foram implementadas, entre elas elaborar programas de formação de educadores e estudantes de nível médio e superior, produzir materiais educativos e participar da concepção e desenvolvimento de exposições. Os referenciais teóricos iniciais deste Museu fundamentaram-se em Jean Piaget (1970), Lev Vygotsky (1987) e Paulo Freire (1999), e embasaram as escolhas que valorizam até hoje a mediação humana e a perspectiva de educação emancipatória no encontro com o

público visitante. Tal balizamento é ainda reforçado por uma proposta de educação que privilegia o desenvolvimento de consciência crítica capaz de estabelecer nova relação entre as partes envolvidas no processo educativo, propiciando o surgimento de uma perspectiva libertadora. Nessa direção, assume-se que tal educação propõe o diálogo entre os diferentes saberes da sociedade humana, na qual o rigor científico está no método democrático de construir saberes novos, não em uma pressuposta essência superior de um saber sobre as demais.

Ao longo dos anos, o setor educativo passou por várias configurações, buscando manter os elementos basilares em que se valorizam os pressupostos da proposta pedagógica, ressaltando as diretrizes norteadoras da direção político-filosófica: o enfoque sócio-histórico, a abordagem transdisciplinar dos conteúdos, a interatividade, e a perspectiva pedagógica construtivista e interacionista (Fundação Oswaldo Cruz, 1994).

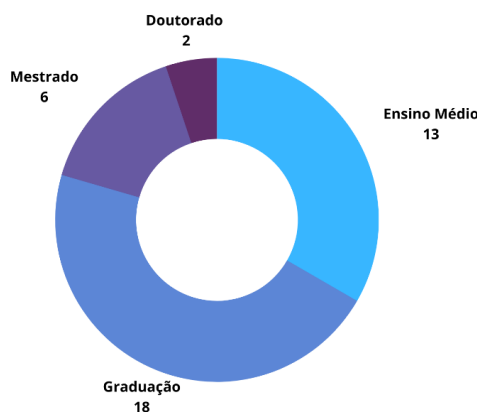
O Museu da Vida Fiocruz tem, entre suas iniciativas, dois programas de formação: (1) Programa de Iniciação a Produção Cultural (Proccultural) desenvolvendo ações com estudantes de nível médio e o (2) Programa de Iniciação a Divulgação e Popularização da Ciência (Propop) voltado para estudantes de graduação. Outro programa mantido pelo Serviço de Educação do Museu e que também comporta momentos de formação trata-se das Ações Territorializadas (AT). Além desses, o Museu recebe ainda estagiários ligados ao Programa de Estágio Curricular (PEC) coordenado pela Fiocruz. Em todos esses programas, exceto o Proccultural, se desenvolvem diferentes ações de mediação no Museu da Vida.

Os destaques e diálogos teóricos tecidos até aqui contribuem para lançar luzes sobre os dados de que dispomos provenientes do campo empírico sobre o qual nos aplicamos. Discorrer sobre a perspectiva de experiências biográficas acumuladas e as ações de formação requer atentar para aspectos basilares presentes no conjunto de profissionais que se dedicam à mediação no contexto museal. Em estudos dessa natureza é comum iniciar tratando do perfil dos mediadores. Muito embora o termo “perfil” admita variadas significações, destacamos elementos como gênero, idade, formação e experiências em espaços educativos museais.

No que diz respeito ao item gênero obtivemos, dentre o total de 44 participantes, um conjunto de 32 pessoas declarando-se do gênero feminino, e 12 do gênero masculino. Não houve nenhuma outra indicação de gênero. Em relação à idade observamos que os participantes localizados na faixa de 18 a 24 anos conformam a maioria, e o grupo situado entre 25 a 39 anos figura logo em seguida. Deve-se levar em conta, ressaltamos, que no conjunto de respondentes há maior presença de universitários. Em todo caso, nota-se uma predominância jovem e feminina no grupo.

O dado etário, por seu turno, encontra-se em sintonia com o nível de formação. Nesse sentido, a maioria indicou estar ainda em processo de formação acadêmica na graduação, seguido pela formação na pós-graduação lato sensu e stricto sensu (Gráfico 1).

Gráfico 1: Formação acadêmica completa dos respondentes



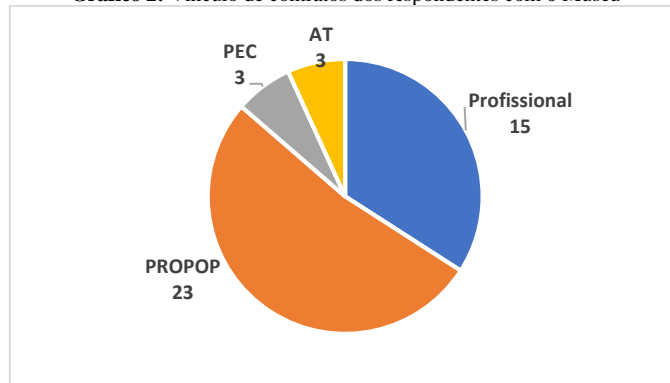
N= 44

Fonte: elaborado pelos autores, 2023 (N: 44).

No conjunto dos bolsistas incluem-se, como apontado acima, egressos do Programa de Iniciação a Divulgação e Popularização da Ciência (Propop), das Ações Territorializadas (AT) e do Programa de Estágio Curricular (PEC). Os três regimes citados têm como pré-requisito o vínculo com a graduação, o

que justifica o fato de obtermos, como maior número de respondentes, pessoas com nível de formação de graduação e na faixa etária entre 18 e 24 anos (Gráfico 2).

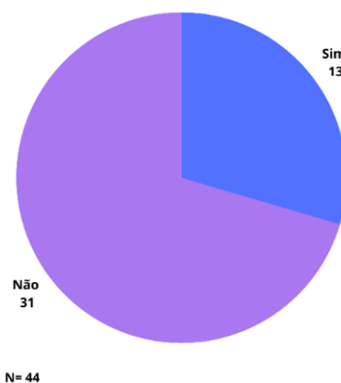
Gráfico 2: Vínculo de contratos dos respondentes com o Museu



Fonte: elaborado pelos autores, 2023 (N: 44)

Uma pergunta central para nossas análises buscava saber dos educadores se, antes de ingressarem no Museu da Vida Fiocruz, haviam tido alguma experiência de mediação em espaços culturais. Nesse aspecto, observamos que 31 (trinta e um) respondentes disseram não ter trabalhado antes do MVF nesses ambientes. Somente 13 haviam participado de alguma instituição ou ação relacionada à mediação (Gráfico 3 e Quadro 1).

Gráfico 3: Resposta a questão “Experiências anteriores em mediação em espaços culturais/museais”



Fonte: elaborado pelos autores, 2023 (N: 44).

Quadro 1: relação entre faixa etária, formação e experiência anterior em mediação

Sem Experiência anterior	Faixa etária	Sujeitos	Com Experiência anterior	Faixa etária	Sujeitos
	18 a 24	10		18 a 24	7
25 a 39	11	25 a 39	5		
40 a 59	7	40 a 59	1		
60 ou mais	3	60 ou mais	0		
Nível de formação		Nível de formação			
Graduação	20	Graduação	11		
Especialização	4	Especialização	1		
Mestrado	5	Mestrado	1		
Doutorado	2	Doutorado	0		
Total	31	Total	13		

Fonte: elaborado pelos autores, 2023.

Dentre os que responderam afirmativamente sobre experiência anterior ao MVF, foi apresentada uma diversidade significativa de espaços e práticas (Quadro 2). Nesse grupo, nota-se que apenas três espaços

estariam situados, *stricto sensu*, no conjunto de museus de ciências e história natural, modelo conceitual ou temático no qual o MVF se encontra inscrito.

Quadro 2: Instituições e atividades de mediação indicadas pelos participantes do MVF

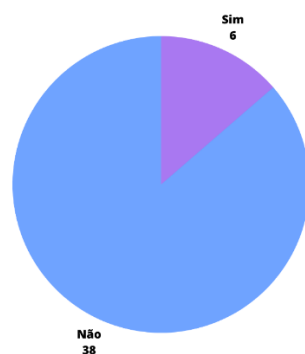
Ordem	Espaços/Iniciativas
1	Espaço Ciência Interativa – Mesquita-RJ
2	Palácio Tiradentes
3	Museu de Arte Moderna – MAM
4	Museu Nacional
5	Centro Cultural do Banco do Brasil - CCBB
6	Exposição Vida (“precursora do Museu da Vida”, sic.)
7	Mediação de atividades em escolas do ensino fundamental em projetos de extensão da UFRJ
8	Mediações em museus do Rio de Janeiro como guia de turismo
9	Mediação em espaços culturais de Niterói-RJ
10	Mediação para as populações ribeirinhas do município de Santarém-PA
11	Experiência em atuação e direção teatral, participação em festivais de cultura em várias regiões do Brasil
12	Eventos de extensão universitários
13	Mediação em escolas públicas direcionadas para jovens com algum tipo de deficiência intelectual

Fonte: elaborado pelos autores, 2023.

Diante desses dados é conclusivo que o MVF tem participação importante como espaço de formação para a maior parcela dos mediadores dessa instituição, dado que mais de dois terços do grupo de mediadores participantes do estudo (31) têm nesse Museu sua primeira experiência em educação museal. Nesse caso, leva-se em conta, em uma perspectiva, o fato de que a experiência de atuação em ações de mediação seja, em si mesma, formativa e que um processo de reflexão, em suas múltiplas dimensões, pode contribuir para a formação (Shön, 2000). Em outra direção, pode-se computar como experiência de formação apenas aquelas restritas à oferta sistemática e organizada no contexto institucional ou em outros espaços. Todavia, sublinhamos que o Serviço de Educação do MVF oferece aos seus mediadores diversas experiências sistemáticas de formação, o que conjuga não apenas a atuação em si, como ainda a possibilidade de aprofundamentos teóricos e reflexões sobre a prática, aliados à proposição de estratégias e ações educativas para os diversos perfis de público visitante.

Em geral, quando se indaga sobre experiência de formação, as respostas mais imediatas vinculam-se às iniciativas sistematicamente organizadas, com tempos específicos, itinerário formativo e, em alguns casos, certificação. Assim, o questionário buscava saber se, antes de estarem no MVF, haviam participado de alguma ação formativa para mediação em espaços culturais. A pesquisa pontuou a seguinte questão: “Antes de ingressar no Museu da Vida, você participou de alguma formação para atuação em mediação em espaços culturais? Em caso positivo, informe qual formação e onde foi realizada.” Como se vê no Gráfico 4, há maior afinamento na quantidade de respostas a essa questão, a saber: dos treze respondentes que haviam tido alguma experiência institucional em mediação, apenas seis indicaram ter participado de alguma ação formativa para a mediação. Não buscamos saber se a aludida formação se deu na própria instituição de atuação, ou se ocorreu por iniciativa própria desses sujeitos em outros espaços. Notamos ainda que, nesse conjunto de seis sujeitos, quem mais acumula experiência de formação são indivíduos mais jovens (Quadro 3).

Gráfico 4: Resposta sobre formação prévia em mediação



Fonte: elaborado pelos autores, 2023 (N: 44).

Quadro 3: Faixa etária, Formação prévia em mediação e formação acadêmica

Sem formação prévia em mediação	Faixa etária	Sujeitos	Com formação prévia em mediação	Faixa etária	Sujeitos
	18 a 24	14		18 a 24	3
25 a 39	14	25 a 39	2		
40 a 59	7	40 a 59	1		
60 ou mais	3	60 ou mais	0		
Nível de formação		Nível de formação			
Graduação	27	Graduação	4		
Especialização	5	Especialização	0		
Mestrado	4	Mestrado	2		
Doutorado	2	Doutorado	0		
Total	38	Total	6		

Fonte: elaborado pelos autores, 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto de respostas indica que o MVF foi, em grande medida, a primeira experiência institucional em mediação, como também de formação no campo da educação museal. Em uma primeira mirada, isso denota o imperativo de maior responsabilidade e compromisso institucional com a participação de educadores nos processos formativos internos, associado a uma avaliação permanente. Os dados apontam que, mesmo entre os que informaram possuir experiência anterior, o fato não representou a inserção para essa fração nesses espaços culturais/museais, em ações de formação sistemática, senão aquelas resultantes da própria experiência. Uma primeira interpretação pode derivar do fato de que as instituições estariam radicadas em uma perspectiva de formação das práticas cotidianas, ou seja, mediadores de ingresso recente aprendem com mediadores mais experientes. Embora essa perspectiva formativa em serviço tenha sua importância, vale destacar que aprofundamentos teóricos, discussões conceituais, construção da instrumentalidade da educação museal, reflexões sobre a prática conduzidas em momentos destinados especificamente para isso constituem-se em potentes instâncias de formação. As razões para adoção de determinada linha formativa para os mediadores são as mais diversas, e não caberia aqui tratá-las individualmente. Não é demasiado afirmar, todavia, que o tamanho das equipes educativas dos museus, a rarefeita presença da educação museal nos currículos da graduação e a ausência de uma formação específica para esse campo nas políticas públicas seriam elementos que resultam em lacunas na formação sistemática no cotidiano dos museus.

Como os programas que acolhem estagiários e bolsistas no Museu da Vida Fiocruz se afirmam como espaços de formação, não é demandada experiência anterior como requisito para a contratação. Evidentemente, alguma experiência prévia pode constituir-se em um diferencial para eventuais candidatas; porém, na ausência dessa formação, não há restrição ao ingresso nesses programas do MVF. Por outro lado, o Museu oferece um programa de formação inicial e continuada para seus mediadores. A formação oferecida pelo setor educativo é considerada um recurso fundamental, pois valoriza e qualifica a experiência e a ação de mediar.

Vale destacar ainda nesse debate que bolsistas, estagiários e mediadores profissionais, de modo voluntário e motivados intrínseca ou extrínsecamente, podem participar de ações consideradas de formação, sob formatos variados. Trata-se de cursos, palestras, vídeos ou oficinas oferecidas de maneira não contínua nem sistemática, mas que podem aprofundar a qualidade da ação na mediação para os diversos perfis de públicos. Destacamos,

ainda, que conhecer outras narrativas estéticas e práticas em outros museus de tipologias de acervos diferentes contribui para um olhar mais atento e sensível aos aspectos multissensoriais que envolvem as dimensões presentes no trabalho da mediação. Isso equivale a dizer que, mesmo as experiências ocorridas em museus ou espaços culturais fora do escopo dos museus de temática científica, constituem-se em ferramentas essenciais para a atuação em educação museal.

As análises aqui empreendidas nos encaminham para alguns pontos que cabem ser reiterados. O primeiro deles é estarmos diante de uma pesquisa situada sob marcos, embora de contornos particulares, de abordagem qualitativa, que nos permite olhar para outras realidades que lidam com a formação de educadores museais. Nessa direção, os apontamentos aqui sistematizados servem para incrementar a coleção de estudos dessa natureza. A investigação também reafirma outras análises que demonstram ser o trabalho nos museus, em especial, a mediação com os públicos, uma atividade marcadamente juvenil e de início de carreira. Junto a isso, notamos que os mais jovens, conforme indicou nosso recorte de dados, logo no início de sua atuação em museus, terminam por acumular maior número de experiências de formação do que mediadores de mais idade e tempo de carreira. Razões para tal dado têm origens diversas e escapam aos limites e objetivos deste artigo; não desconsiderando, todavia, que o mundo do trabalho impõe exigências de formação e qualificação aos mais jovens acima daquelas demandadas a quem já se encontra há mais tempo em atividade. Um terceiro ponto insiste em nos mostrar que cabe aos museus estabelecer-se como colaboradores na formação qualificada de educadores para o campo museal. Os modelos de formação em cada instituição museal atendem aos objetivos e critérios situados em cada contexto e de acordo com a concepção de educação e formação adotadas. Além de qualquer hierarquização que se queira fazer com respeito aos modelos de formação de mediadores, uma defesa mais coerente com um fazer museal comprometido é pensar que, em qualquer dos casos, essa formação precisa ser planejada, desenvolvida e avaliada pelo conjunto dos que dividem cotidianamente o terreno da educação museal.

REFERÊNCIAS

- Baeta, A. M. B. (coord.). (1999). *Museu da Vida/Fiocruz: uma contribuição para a educação formal? Relatório de pesquisa apoiada pela FINEP – BID*. Convênio 78.97.0015-00. Rio de Janeiro: [s.n.], 188p.
- Batista, A. M. F.; Gonzalez, A. C.; Oliveira, D. A.; Barros, H. S. (2020). A formação de mediadores no Museu da Vida: múltiplas vivências. *JCOM – América Latina*, 3 (2), A05. https://jcomal.sissa.it/sites/default/files/documents/JCOMAL_0302_2020_A05_pt.pdf.
- Bélanguer, P. (2004). *A qui profite le développement de l'éducation des adultes? Colóquio de Formação de Adultos*. Universidade de Genebra, 2004, sob a direção de Pierre Dominicé, com o título “Quel héritage générationelle transmettre en formation d'adultes”.
- Brasil. (2009). *Lei no 11.904 de 14 de janeiro de 2009*, que institui o Estatuto de museus e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm.
- Castro, F.; Soares, O.; Costa, A. (org.). (2020). *Educação museal: conceitos, história e políticas*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional.
- Castro, F. S. R.; Soares, O. J. (2018). Políticas públicas: garantia do direito à cultura e à memória. *MOUSEION (UNILASALLE)*, v. 1, p. 30-42. <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/4754/pdf>.
- Costa, A. ; Rangel, A.; Castro, F.S.R.; Henze, I. A. M.; Valente, E.; Soares, O.J.(Orgs.). (2018). *O lugar da educação nos museus*. 1. ed. Rio de Janeiro: Museus Castro Maya.
- Freire, P. (1999). *Educação como prática da liberdade*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Fundação Oswaldo Cruz. Sociedade de Promoção da Casa de Oswaldo Cruz (SPCOC). (1994). *Espaço Museu da Vida: museu de ciência e tecnologia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: [s. n.].
- Gomes, H. S.; Reis, B. (2021). Desafios, limites, engajamento e possibilidades na elaboração das ações educativas acessíveis. In: Rocha, J. N. (org.). (2021). *Acessibilidade em museus e centros de ciências: experiências, estudo e desafios*. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj; Grupo Museus e Centros de Ciências Acessíveis (MCCAC). <https://canal.cecierj.edu.br/recurso/17436>.
- Júnior Carabetta, V. (2018). *Rever, pensar e (re)significar: a importância da reflexão sobre a prática na profissão docente*. <https://www.scielo.br/j/rbem/a/sM7Mj6hRK5bjkLZqrHvz6q/?format=pdf>.
- Macedo, R. S. (2010). Compreender a formação e a formação pela compreensão: para além das simplificações. In: Macedo, R. S. (2010). *Compreender e mediar a formação: o fundante da educação*. Brasília: Liber Livro.
- Marandino, M. (2008A). *Educação em museus: a mediação em foco*. São Paulo: GEENF/FEUSP.
- Marandino, M. (2008B). Ação educativa, aprendizagem e mediação nas visitas aos museus de ciências. In: Massarani, L.; Almeida, C. (org.). (2008). *Workshop sul-americano e escola de mediação em museus e centros ciência*. Rio de Janeiro: Museu da Vida, Casa

de Oswaldo Cruz/Fiocruz.

Nascimento Júnior, J. (2013). *Um marco para o direito à memória*. In: Legislação sobre museus. 2. ed. Brasília: Edições Câmara, 2013. p. 11. <http://www.sistemademuseus.rs.gov.br/wp-content/midia/Legislacao-sobre-Museus.pdf>.

Piaget, J. (1970). *Psicologia e pedagogia*. Tradução de Dirceu Accioly Lindoso e Rosa Maria Ribeiro da Silva. São Paulo e Rio de Janeiro: Editora Forense.

Schön, D. A. (2000). *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Vygotsky, L. S. (1987). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Received on 03, 2024.

Accepted on 06, 2024.